

M E M Ó R I A S

D E U M A

~~P U T A~~

SAMANTHA MELLO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Levi e as asas que eu não cortei

Já que Roberto havia decidido que eu era uma puta, resolvi que eu seria uma puta que não era triste.

A essa altura das coisas, não sei dizer se era possível ser feliz.

Talvez felicidade fosse pagar boletos, estar com os exames ginecológicos em dia e sem louça do jantar na pia pelas manhãs.

Talvez fosse.

Anotei mentalmente para falar na terapia que eu não fazia mais.

Não por culpa dos terapeutas.

Não.

A primeira era fofa demais, concordava demais.

Abandonei.

O segundo parecia um poste, eu falava e ele apenas me olhava.

Até porque, olhando em retrospecto concluo que deve ser complicado passar sei lá quantas horas em um consultório ouvindo as neuroses alheias.

Imagina, o convênio paga cinquenta reais para o sujeito dar conta dos meus problemas existenciais em uma sessão de 40 minutos por semana.

Maldito capitalismo.

Não tem como dar certo.

Naquele último dia eu contei que era bissexual não praticante.

Ele seguiu como poste.

Eu disse que talvez eu fosse só uma hétero safada, já que sentia atração por mulheres, mas não queria viver com uma.

Ele seguiu como poste.

Eu esperava muita coisa dele, especialmente que ele morresse de tesão com a minha confissão, mas nada.

Ele seguiu como um poste.



Abandonei de novo.

Fato é que Gabriel Garcia nunca leria meu manifesto de puta que não era triste.

Ainda bem.

Ele era genial demais para mim.

* * *

A minha primeira providência de solteira, quer dizer, divorciada, após oito longos anos com Roberto, foi reencontrar Levi.

Tecnicamente eu ainda estava casada.

Sabe-se lá quando a amiga do primo dele resolveria os papéis do divórcio.

Eu não estava interessada, de qualquer modo.

Eu me sentia livre e me bastava.

Nós morávamos na mesma cidade, Levi e eu.

Ocasionalmente nos falávamos, alguma bobagem da vida.

Vivemos um namoro na adolescência.

Na verdade, outra vez tecnicamente, tal qual meu estado civil atual, éramos adultos, eu tinha 18 anos. Ele tinha 19.





Dá para perceber que minha vida era um caos, adulta eu me sentia adolescente, casada, eu me sentia livre.

Resolvi apelar para a técnica milenar de encontrar uma pessoa através da mãe dessa pessoa.

Quem nunca?

Eu tinha amizade com a mãe dele, carinho mesmo.

Dali para um café era um telefonema.

Da visita para eu contar sobre a separação como quem fala do tempo no elevador outro pulo.

Enfim, a notícia não espalhada do meu iminente divórcio chegaria nele.

* * *

No terceiro café com Bárbara, comecei a me perguntar o que eu estava fazendo.

No primeiro, contei sobre a separação.

No segundo, encomendei um bolo que acabou estragando quase inteiro porque não comi.

Outra especialidade minha: comprar bolos caseiros de vó e deixá-los estragar, amargando de culpa pelas crianças que não tem o que comer.





No terceiro encontro, diga-se, sempre em horários e dias diferentes, para esbarrar no sujeito que a essa altura se convertia em uma quase obsessão, resolvi que eu precisava mudar de estratégia.

Seria hora de buscar outro terapeuta?

Talvez fosse.

Anotei mentalmente.

Era só o que eu fazia.

Notas mentais que eu ignorava.

Como uma pessoa sai de uma relação, quer dizer, mal sai de uma relação e pretende encontrar um antigo namorado, pior, sem marcar nada pessoalmente, mas tomando café com a mãe dele?

Não fazia sentido.

Mas eu estava obstinada.

Eu queria transar com Levi.

Na verdade, eu queria ser chupada.

Levi nunca me chupou.

Desconfio que não soubesse.

Eu era a segunda ou terceira mulher na vida dele naquela época.

Não tive tempo de ensinar.





Mas agora era uma questão de honra descobrir se depois de quase vinte anos ele tinha aprendido por aí.

* * *

Já que os cafés com Bárbara não me fizeram esbar-
rar em Levi, nem ele parecia ciente do meu estado
civil de disponível, resolvi frequentar alguns lugares
em que eu podia encontrá-lo.

Mas o Diabo é sádico, sempre me diz um
amigo meu.

Exceto se eu aparecesse nua na cama dele (Bárba-
ra me contou onde ele morava), é bem provável que
minhas técnicas falidas para encontrar uma pessoa
sem combinar com essa pessoa não me levariam ao
sexo planejado.

Eu definitivamente precisava voltar para a terapia.

A cada consulta com a psiquiatra eu renovava a
receita de sertralina e ela me perguntava, já cética,
como andava o terapeuta novo.

Não andava.

Nem o terapeuta, nem eu, que não conseguia en-
contrar Levi.





* * *

Os meses se passaram e eu comecei a pensar em Roberto.

Ela era o príncipe encantado no cavalo branco, com direito até a bruxa malvada.

Vera, a cretina da mãe dele.

Fato é que eu não fui criada para ser a princesa.

Só agora me parece bastante razoável que ele quisesse minha companhia.

Enquanto eu tentava salvar o mundo o meu desabava.

Assumi um projeto de revitalização de um prédio abandonado no centro de São Paulo, que além de não me pagar nenhum centavo (eu fiz por amor à causa) me consumiu meses a fio.

Eu não precisava.

Claro que não.

Eu era uma arquiteta requisitada, era sócia com pró-labore bem decente de um escritório descoladinho num bairro moderninho da capital.

Mas eu queria.





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em ITC
New Baskerville Std pela Editora
Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em julho de 2023.
